

RIO DAS RIMAS
(lembrando Guilherme de Almeida no dia de São Francisco)

E ele que nasce pequenino,
Franzino, feito um menino
Como que juntando gota a gota
Depois cresce, aparece
E de um fio de pavio
Se torna um rio.

Vai descendo esguio
Feito uma serpentina
Que dobra na esquina
E cintila na luz matutina.

Vai deslizando na terra,
Contornando as serras,
Como que contornando
As curvas dos corpos das meninas.

E ele que deveria descer para o sul
Decidiu subir para o norte
Por sorte mergulha no coração
De quem vive no sertão.

E desce lento, devagar
Como um bicho preguiça
Porque não precisa pressa
Dessa que o atormenta
Pelas mãos sangrentas
De seus inimigos.

Pois ele já sabe
Que basta caminhar
Pois o destino de um rio
Como já dizia mestre Paulo Freire
É um dia tornar-se mar.

E onde passa só deixa vida.
E deixa nomes:
João, José, Maria,
Toinha, Aninha, Mariquinha
Bidó, Trajano, Herculano

Numa lista infinda
De gente sofrida e bonita
De gente permanente e errante
Que rima com Bom Jesus da Lapa,
Bom Jesus dos Navegantes
Ou com nomes do coração
Como Senhora da Soledade
E Maria da Conceição.

E desce machucado, violado,
desmatado, Estuprado
Carrega nas veias venenos, esgotos,
Agrotóxicos,
E tem seu corpo cortado por barragens.

Parece que morre, mas não morre
Permanece com vida,
E as aves, os peixes,
Os bichos e as árvores
Ainda têm lugar para viver ao seu lado.

Por isso é um Velho Chico
Sempre velho e sempre novo
Que quase morto
Vive no coração do Povo
E que agora pede socorro.

Um rio que tem nome de santo
Que canto, me encanto,
Não canso de falar.

Um rio bonito, bendito,
Que parece infinito
Cujo nome sempre relembro
E sempre repito:
Rio São Francisco.

Roberto Malvezzi (Gogó)